

UMA OPORTUNIDADE PERDIDA, DE NOVO

ONU A intransigência na questão Israel versus Palestina esvazia a cúpula contra o racismo

A Conferência da ONU sobre o Racismo de 2001, em Durban, África do Sul, já fora prejudicada pela retirada de Israel e dos EUA ante a inclusão no rascunho de resolução de críticas a Tel-Aviv e da tentativa de recharacterizar o sionismo como uma forma de racismo (proposta aprovada pela Assembleia-Geral em 1975 e revogada em 1991). Os países europeus apoiaram o Reino Unido contra a exigência dos africanos de pedido de desculpa e reparações pela escravidão e quase não houve resultados práticos.

Em 2009, o fracasso se repetiu, agravado. Desde o início Israel recusou-se a participar de Durban II, celebrada em Genebra, Suíça, e o boicote foi acompanhado pelos EUA e por seus aliados com governos conservadores: Canadá, Alemanha, Itália, Holanda, Austrália, Nova Zelândia e Polônia. O desastre de relações públicas completou-se quando Mahmoud Ahmadinejad, o único chefe de Estado a comparecer, abriu a conferência usando a tribuna não só para denunciar o racismo em Israel, mas também para acusar os aliados de ter enviado os migrantes judeus "sob o pretexto do Holocausto" (que em outras ocasiões chamou de "mito") para estabelecer um governo racista, desfiando uma teoria da conspiração de tom antissemítico.

Os representantes do Vaticano permaneceram na sessão - juntamente com os da América Latina e demais continentes -, mas os demais 23 representantes europeus retiraram-se em protesto, como avisaram que fariam no caso de ataques injustos a Israel. Com exceção da República Tcheca, que aderiu ao boicote, os demais retornaram posteriormente aos trabalhos, mas o discurso do presidente do Irã serviu de pretexto para que o resto da reunião



fosse ignorado pela mídia, bem como a muito razoável declaração final que, aprovada por todos os demais 189 países, não deixou nem de lembrar o Holocausto, irritando o Irã, nem de chamar a atenção sobre o "destino do povo palestino sob ocupação estrangeira", aborrecendo Israel e seus aliados.

Deve-se lamentar tanto a provocação do Irã quanto a recusa ao debate por parte dos europeus, norte-americanos, australianos e israelenses - postura que

acabou por confirmar o abismo entre os países de "brancos de olhos azuis" e o resto do mundo "moreno", "negro" ou "amarelo". Como apontou o secretário-geral da ONU, Ban Ki-Moon, a reação correta teria sido responder e contestar, apontando o que há de racista nas atitudes de Ahmadinejad.

Seria preciso, porém, pôr em discussão aberta o que há de efetivamente racista

nas atitudes de Israel. Como apontou Lejeune Mirhan, presidente do Sindicato dos Sociólogos de São Paulo, o país não só nega a possibilidade de acesso ao poder dos não judeus pela própria concepção, como permite diferenças salariais de até 50% entre cidadãos israelenses judeus e árabes e discrimina a origem étnica em documentos de identidade. Mantém abertamente todos os indicadores clássicos do racismo em sociedades modernas em relação às minorias nativas cuja cidadania reconhece e isso antes mesmo que se comece a considerar a situação dos palestinos de territórios ocupados.

Desqualificar a discussão desse problema racial porque uma das denúncias parte de um negador do Holocausto é fugir do problema, visto que dificilmente um país amigo de Israel se disporia a apontar os erros dessa nação mais inclinada a se deixar arruinar pela adulação do que a ser salva pela crítica. Se isso é raro em relações pessoais, muito mais nas internacionais. Especialmente, depois que o eleitorado israelense elegeu o governo que não só é o mais direitista de sua história como escolheu um político abertamente racista para chanceler.

- POR ANTÔNIO LUIZ M. C. COSTA